

SAUDADE

~~PARA NOTICIAS DA TORRE DO~~ FERNANDO PITEIRA SANTOS

Conheci Fernando Piteira Santos quando, frequentando ele o primeiro ano de Direito, ia assistir às Assembleias Gerais realizadas na Faculdade de Letras com o ingénuo intuito de se criar uma Associação Académica. Era muito jovem, naturalmente, mas mostrava já a sua lucidez invulgar e o espírito acutilante. Ficámos logo amigos. Estava à porta o Bloco Académico Antifascista.

Em 1938, Fernando Piteira Santos faz parte do grupo (os futuros neo-realistas de Lisboa) que tomará a responsabilidade de orientar daí em diante o prestigiado semanário O Diabo. Lembro-me de ter ouvido um telefonema dele para Alvaro Cunhal: era indispensável que este escrevesse "qualquer coisa" para nos ajudar a encher o número que tínhamos de ter pronto dentro de três ou quatro dias. Daí saiu um pequeno artigo, "A mulher na China", assinado com um pseudónimo, João da Silva. Do grupo fazia parte, entre outros, Jorge Domingues, António Gameiro, Manuel da Fonseca, Paulo Crato, eu próprio.

A vida de O Diabo teve então duas fases: uma (38-39), em que os delegados do grupo na redacção eram Jorge Domingues e eu, fase orientada no mais amplo sentido ^{de unidade} (antifascista [os escritores da presença foram convidados a colaborar e colaboraram]); outra (39-40), em que a orientação se tornou muito mais radical, tendo à testa da redacção Fernando Piteira Santos e Manuel Campos Lima, cujo nome viria a aparecer no cabeçalho ~~de revista~~ como ~~o~~ director. Foi essa fase que ajudou a levar à proibição do jornal.

Lembro-me, ~~em~~ quando resolvi sair da redacção por discordância da nova orientação, ter sido visitado uma noite por Piteira Santos e Alvaro Cunhal que procuraram convencer-me a aceitá-la. Recusei e isto coincidiu com uma longa doença que me afastou de todo o trabalho durante três anos, longa doença em que fui muito acompanhado e estimulado por vários amigos, entre eles precisamente Piteira e Cunhal.

Entretanto, a actividade de Piteira não parava, quer no campo legal, quer no ilegal. Era realmente incansável. Em tudo estava presente, quer na organização do préstimo fúnebre de Bento Caraça, que ~~o~~

mais tarde, na do espólio de Manuel Ribeiro de Pavia.

Em 1952 (mês de ^{Abrel} ~~Novembro~~), sai o primeiro número do jornal Ler, lançado por Publicações Europa-América e pelo seu proprietário Francisco Lyon de Castro, tendo como vivíssimo chefe de redacção Fernando Piteira Santos, cujo espírito crítico afastara já do PCP. Nesse jornal tive o prazer de colaborar frequentemente, apesar das pressões para que o não fizesse, pressões sem qualquer sentido porque, tendo já readquirido a minha total independência política, não me competia combater Piteira em nome fosse do que fosse e porque tudo que se disse contra o Ler seria desmentido pela proibição da Censura não muito tempo depois.

A actividade de Fernando Piteira Santos continua sem desânimo. Nada o dobra. Nascera para lutar pela liberdade.

Em 1958 (Janeiro) consegue-se que a Censura autorize ^{a ser} ~~que~~ a Gazeta Musical, órgão da Academia dos Amadores de Música, ~~se~~ transformada ^{em} Gazeta Musical e de todas as artes, o que permitiu ~~que~~ ^{passar} a ser seus colaboradores, além dos elementos habituais (João José Cochofel, Fernando Lopes Graça, Francine Benoit, Maria da Graça Amado da Cunha), muitos escritores, como Joel Serrão, José Gomes Ferreira, José Fernandes Fafe, Manuel Mendes, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires, o autor destas linhas e, naturalmente, Fernando Piteira Santos. Aqui, como muitas vezes sucedia, a sua colaboração, embora ~~sempre~~ activa, foi extremamente discreta: o seu nome não apareceu nunca na publicação e poucos saberão que era ele e eu, mas ele muito mais do que eu, que em minha casa, à noite, fazíamos a paginação da revista.

Uma vez, à saída de uma reunião da Gazeta, diz-me ele entre dentes: "Nunca mais me deixarei prender". É, de facto, desapareceu para parte incerta e só anos depois voltei a vê-lo, quando, estando eu em Génève por motivo dum colóquio internacional, ele me apareceu, vindo de Argel, seu local de exílio, expressamente para darmos um abraço e conversarmos um pouco. Alegria enorme e espantosa conversa: exilado e a tal distância, ele sabia muito mais do que se passava em Portugal do que eu, que cá vivia. A sua vida foi na verdade uma luta permanente (PC até dada altura, MUD, MUNAF, campanhas do Norton, ^{com} ~~de~~ Delgado, direcção

do Diário de Lisboa depois de 74).

No seu regresso a Portugal no 25 de Abril, fui esperá-lo ao aeroporto e fiquei ^{em} espantado (e magoado) de ali ver tão pouca gente, em relação ^{dela} que sucederá antes com Mário ^{Soares} ~~Soares~~ e mesmo com Álvaro Cunhal.

A vida inteira fomos grandes amigos, mesmo quando raramente discordávamos. Na Faculdade de Letras nos conhecemos um dia, como estudantes, na Faculdade de Letras, como professores, atingimos o limite de idade com pouco tempo de intervalo. Um desespero sem medida.

Mário Dionísio

Mário Dionísio